



A audácia de ser diferente: a escrita obsessiva de Ana Teresa Pereira

(Texto de apresentação de tese de Doutoramento)

Anabela Oliveira da Naia Sardo

Universidade de Aveiro

A Audácia de Ser Diferente: a Escrita Obsessiva de Ana Teresa Pereira é o título da tese de doutoramento que apresentamos, uma leitura da obra da escritora portuguesa, nascida na Ilha da Madeira.

Antes de iniciar a nossa exposição, confessamos não ter conseguido ficar indiferentes aos livros de Ana Teresa Pereira, porque, como asseverou Eduardo Prado Coelho, “esta é uma obra muito bela”. Parafraseando, ainda, um excerto de uma das narrativas pereirianas, *Se Nos Encontrarmos de Novo*, talvez seja possível apreciar uma escritora por causa de um livro. No que diz respeito a Ana Teresa Pereira, consideramos que é possível admirá-la dessa maneira ou tornarmo-nos leitores incondicionais pelo conjunto do seu trabalho. Encontrámo-nos, nós, na encruzilhada destes dois pontos. Conhecendo e apreciando cada um dos seus livros, deixámo-nos arrebatados pela obra de que é autora e pelos seus textos, que são, “antes de tudo, poesia. Não apenas no sentido vago de ‘poético’, mas poesia de facto”, como afirmou Rui Magalhães, em 1999, no incontornável livro *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*.

Ao longo do nosso texto, procurámos demonstrar a peculiaridade da obra pereiriana, no panorama da Literatura Portuguesa Contemporânea, a qual advém de uma tenaz e audaciosa vontade que impeliu a escritora a construir um inconfundível universo labiríntico ao longo de quase duas décadas e meia de prolífica produção literária. Delineámos, então, demonstrar que a escrita de Ana Teresa Pereira é obsessiva, destacando as marcas

da sua poética, reiteradamente nucleares, especificamente no que diz respeito à iteração das referências e alusões, numa declarada paixão pela Literatura, pelo Cinema, pela Pintura, pela Música e pelo Teatro, numa espécie de “loucura pela Arte”.

Delimitado o objetivo geral, a temática e assuntos a estudar, impunha-se definir uma metodologia de trabalho. Deste modo, tendo em conta as características da obra, procedemos à leitura e estudo dos livros publicados até 2011, circunscrevendo, todavia, o período temporal que decorre de 1989 a 2009 para fazer incidir a nossa investigação.

O primeiro capítulo, intitulado “Ana Teresa Pereira: a escritora e a obra – vinte anos de criação literária num universo peculiar, labiríntico e obsessivo”, pretende percorrer e celebrar os vinte anos de produção literária da escritora, partindo da sua biografia e bibliografia para encetar o bosquejo do seu universo sinuoso e da sua escrita obsessiva.

No primeiro subcapítulo, que denominamos “‘Pessoalidade’ num universo peculiar, labiríntico e obsessivo”, esboçamos o retrato da autora, recorrendo às palavras da mesma, colhidas nas entrevistas dadas, recuperadas nos artigos e ensaios publicados e, essencialmente, nos seus textos ficcionais de cariz marcadamente autobiográfico.

O subcapítulo 2, “A casa de palavras de Ana Teresa Pereira: fantástico, mistério, circularidade e obsessão”, pretende palmilhar a obra pereiriana, abordando cada um dos seus livros, numa análise breve dos aspetos que lhes conferem singularidade, destacando, sobretudo, as características que reiteradamente perpassam as narrativas. O estudo incide, essencialmente, sobre o *corpus* da obra produzida entre o período atrás referido (1989-2009), não deixando, ainda assim, de fazer menção à obra posteriormente publicada até 2011. Fez parte da nossa abordagem, por imperativos dos desígnios a atingir, a análise do livro *A Outra*, publicado em 2010.

Fernando Pinto do Amaral menciona Ana Teresa Pereira, num artigo sobre as transformações que a Literatura Portuguesa tem sofrido ao longo das últimas três décadas, como uma escritora que “vive dentro de um universo de portentos”. Outros críticos literários referem-se à escrita prodigiosa desta autora como um caso singular no panorama atual da ficção narrativa portuguesa. Procuramos demonstrar, ao longo do primeiro capítulo, que estamos perante uma escritora prolixa, eclética e obsessiva, movida por uma extraordinária memória literária e cinematográfica que se desvela nas referências, nos cenários e nas personagens que transitam de livro para livro. Ana Teresa Pereira move-se no mundo da ficção como se ele fosse a sua realidade, até ao ponto em que deixa de existir um interior e um exterior da Literatura. As narrativas situam-se, similarmente, nos meandros do interior do ser humano.

Território fascinante, a obra em análise é, ao mesmo tempo, dificilmente abordável por diversas características reiteradamente aludidas ao longo da tese: circularidade referencial, obsessiva reinvenção de personagens e espaços e a “pessoalidade” dos seus textos.

Ao leitor impõe-se, deste modo, a árdua tarefa de descobrir e tentar compreender os motivos e obsessões dominantes, como a escrita e a ficção, o real, o tempo, o medo e o sujeito perdido em labirintos interiores levando a labirintos de representações e interpretações, bem como perceber os sentidos egocêntricos, a atribuição de génio artístico à quase totalidade das personagens principais e mesmo uma peculiaridade às secundárias, e a beleza física desses seres, uma formosura, às vezes, quase desumana. Espessa a dificuldade interpretativa, a procura do amor que excede o natural, pela negação dos sentimentos e prevalência das sensações e, ainda, a fascinação do oculto na natureza e na densa personalidade humana.

Ana Teresa Pereira criou e inscreve-se num território que transita de narrativa para narrativa, ganhando cada vez mais espessura. Há uma história que se reitera, transversal a praticamente todos os livros, passível de ser identificada pelos nomes ressurgentes das personagens e pelo contexto em que se relacionam umas com as outras. Tom é *a personagem* que atravessa a obra. O sentido é o de uma história desenhada desde a criação do mundo, e que se repete constantemente até ao fim dos tempos. Surgem, consequentemente, histórias dentro de histórias e a ficção torna-se mais real do que a própria realidade.

A escrita é um jogo de máscaras e de espelhos e é um espaço sagrado, como afirma a própria escritora.

O segundo capítulo, “A obsessão pela Arte: intertextualidade e “unitextualidade” – a Literatura, a Pintura, o Cinema e a Música”, parte do conceito de “intertextualidade” para assumir claramente o de “unitextualidade” naquele que designamos como “sistema poético” pereiriano.

O subcapítulo 1, “Elementos paratextuais que unificam os mundos paralelos: os ‘intertextos’ explícitos”, estuda a presença dos intertextos que se manifestam de forma declarada (as dedicatórias, as epígrafes, os títulos e as capas dos livros) para provar a forma incontestável como a Arte impregna e molda o universo pereiriano.

As dedicatórias vêm evidenciar as relações afetivas fundamentais que marcam a obra, em particular um amor profundo aos livros e aos filmes que assoma, desde logo, entre outros aspetos, nos livros que dedica a alguns dos seus escritores de eleição, de que ressaltamos Iris Murdoch (a escritora que perpassa a obra). De modo semelhante, paratextos como os títulos e as capas relacionam-se intrinsecamente com o mundo da Arte. As ilustrações das capas são regular e reiteradamente inspiradas nos mundos da Pintura (ou do Cinema),

prevalecendo os pintores pré-rafaelitas, bem como os impressionistas e os expressionistas. As citações preliminares ou epígrafes merecem, igualmente, a nossa atenção e, entre diversos poetas e escritores, destaca-se, de novo, Iris Murdoch a quem Ana Teresa Pereira dedica *Intimações de Morte*, que tem, como epígrafe, um excerto do Salmo 139 da Bíblia: “porque criaste o meu ser mais interior...”, sintetizando, nesta declaração de uma poética, a imensa admiração, quase uma forma de veneração, pela escritora e filósofa irlandesa.

O subcapítulo 2, “Intertextos ‘explícitos’ e ‘implícitos’ em *Matar a Imagem*: obra inicial do percurso literário deliberadamente obsessivo, marcado pela paixão pela Arte”, procura mostrar como a escritora inicia, com o primeiro livro, uma viagem simbólica que irá permitir a expressão das suas paixões e obsessões e dar início à composição de imagens que irão delimitar toda a obra posterior. A paixão pela Arte revela-se e o livro funciona como uma espécie de iniciação ao percurso literário pereiriano.

A terminar a primeira parte, no subcapítulo “*As Personagens e A Última História* – ‘... porque as palavras de um escritor são acções’: reflexões acerca do processo de escrita e da obstinada e consciente afirmação de um universo peculiar”, reforçamos a tese que nos impusemos demonstrar, ou seja, a de que Ana Teresa Pereira desenvolveu uma forma de escrita muito própria, baseada numa consciente e obstinada vontade de explorar o universo que modela a sua cosmovisão e a das suas personagens. A análise centra-se em dois livros fundamentais, *As Personagens* e *A Última História* com o intuito principal de refletir acerca daquele que é um tema basilar na obra pereiriana, o processo da escrita e o papel do escritor, em geral, e, em particular, sobre o próprio modo de escrita de Ana Teresa Pereira.

Partindo do princípio que ser escritor é “a forma mais intensa e mais mortal de ser feliz”, como se afirma em *As Personagens*, desdobramos a nossa atenção, procurando descortinar a aceção pereiriana sobre o ato da escrita. E lê-se em *As Personagens*: “Quando se aprendeu a ver no fundo das palavras o que elas escondem, escrever já não pode ser um acto inocente. Escrever nunca é inocente” (58). Para escrever é preciso não ter medo das palavras porque “as palavras abrem alçapões de subterrâneos repletos de fantasmas, quando escrever é ver-se ao espelho” (58). Por essa razão, ser poeta é ser “um criador de mundos” (50) e a ficção torna-se a única realidade possível. A palavra e a imagem têm, em Ana Teresa Pereira, um poder mágico e os artistas são divindades que “criam mundos.”

A análise, destas narrativas iniciais, reforça a ideia da essência repetitiva, circular e labiríntica da obra e amplia a sensação de irrealidade e de um permanente dédalo onde é possível desorientar-se. Contudo, o que poderia, numa leitura superficial, ser confundido com um constante recurso às mesmas soluções literárias, inclusivamente a repetição objetiva de enredos e personagens, revela-se, como esperamos ter mostrado, como um

intencional e profundo projeto literário, que se concretiza numa escrita despretenhiosa, em termos formais, mas que anseia pela “palavra” autêntica.

“*O Ponto de Vista dos Demónios* e *O Sentido da Neve*: o regresso aos livros e aos filmes como uma das formas de felicidade” é o título do terceiro capítulo do nosso trabalho no qual diligenciamos reconcentrar a tese de que a paixão pela Arte é um dos elementos fundamentais que marcam toda a obra pereiriana.

Estamos perante duas coletâneas de textos que recuperam, com algumas alterações, textos escritos entre outubro de 2000 e abril de 2004 para o Jornal *Público*. Ambas as antologias revelam incursões pelos temas e episódios que já tinham sido ou iriam ser versados nas narrativas pereirianas numa constância obsessiva e circular, numa espécie de reescrita de regresso aos mesmos fantasmas. São textos que evocam, essencialmente, os livros e os filmes, mas também as músicas, os poemas e os quadros que povoam o imaginário da autora e ajudam a dar consistência às personagens e à(s) história(s) que subjaz(em) aos seus textos desde sempre.

Alguém designou o cronista como o “poeta do quotidiano.” Ana Teresa Pereira é, sem dúvida, poeta/poetisa do “seu” quotidiano. A subjetividade percorre todo o discurso e estas “crónicas literárias” envergam as roupagens do texto literário numa sublime ambiguidade. Cada novo texto, das duas antologias estudadas, é uma declaração da mais profunda admiração por aquelas que são as grandes referências da vida e obra pereirianas, revelando, igualmente, em nossa opinião, uma profunda reflexão artística e existencial.

O Capítulo IV, “Ato extremos de criação”: *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* e *A Outra*”, recentra-se em aspetos já anteriormente abordados, alicerçando-se no facto de considerarmos que, para além de outros aspetos que a tornam peculiar, a obra de Ana Teresa Pereira apresenta também uma característica específica e crucial que a leva a escrever, entre outros, livros como *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* e *A Outra*: a questão da circularidade que se entretece com a paixão obsessiva pela Literatura.

Estes livros sintetizam, da forma mais brilhante, a tese que nos cuidámos demonstrar, a de que Ana Teresa Pereira ama de tal forma a Arte, e em particular a Literatura, que segue tão obsessivamente o paradigma dos seus escritores de eleição que nos oferece o que parece ser uma forma de “(re)escrita” de histórias que obtiveram consagração internacional.

O subcapítulo “*O Verão Selvagem dos Teus Olhos*: a questão da perspetiva e o outro lado da história” intenta apontar a importância que tem o conhecimento prévio do livro *Rebecca*, da escritora britânica Daphne Du Maurier, para o cabal entendimento da dimensão do exercício pereiriano a que Manuel Freitas chamou, com toda a propriedade, e como realçamos na nossa tese, um “acto extremo de criação”, uma vez que o que desejou Ana

Teresa Pereira foi revelar um outro lado da história de Rebecca, conferindo-lhe uma dimensão que a versão original não contém. A escritora madeirense consegue-o tendo em conta dois componentes capitais do romance maurieriano: a personagem, Rebecca, e, sobretudo, o espaço, Manderley. E é a partir destes elementos narrativos que Ana Teresa Pereira constrói o seu ponto de vista de Rebecca, personagem de *O Verão Selvagem dos Teus Olhos*, e cria uma nova história que mantém a densidade psicológica envolvente da que lhe deu origem. Todavia, a sensação de familiaridade que advém da leitura do texto pereiriano não ocorre apenas desse facto, mas, similarmemente, de outros a que fomos fazendo referência ao longo da nossa tese e que sumariamos em três pontos fulcrais:

a personagem Rebecca de *O Verão Selvagem dos teus Olhos* encerra, em si, uma forte componente autobiográfica de Ana Teresa Pereira;

a escritora portuguesa mantém-se leal à identidade das personagens/da *personagem* feminina das suas diegeses, conseguindo-o sem extrapolar o texto que serviu de base ao seu;

Ana Teresa Pereira conserva-se fiel às influências literárias que povoam o seu imaginário, a sua obra e obcecama as suas personagens, entre as quais se encontra Rebecca de *O Verão Selvagem dos Teus Olhos*.

O final das duas histórias é muito diferente, devendo ter sido o imenso amor que Ana Teresa Pereira dedica, desde sempre, à imagem de Manderley, a esse espaço deslumbrante que igualmente ofusca as suas personagens, que fez com que a escritora portuguesa poupasse a propriedade de Maxim àquele que é um dos mais inquietantes incêndios da Literatura universal.

Referimos, ao longo do nosso texto, que Iris Murdoch, Daphne Du Maurier e Henry James foram os escritores que marcaram, de forma mais indelével, a obra de Ana Teresa Pereira. Outros, essencialmente anglófonos, transcorrem de forma análoga e persistente nas suas narrativas (referimo-nos à obra publicada até 2011). Aos mesmos se refere obsessivamente, a ponto de modelarem a sua sensibilidade e vida, bem como cada um dos seus livros. Por outro lado, delineiam os seus textos; demarcam existencialmente as suas personagens; inspiram os seus cenários e, em última instância, impulsionam a escritora portuguesa a escrever inspirando-se nos livros dos escritores que tanto ama. É o que acontece, como tivemos oportunidade de mostrar, com Daphne Du Maurier e com Henry James, como procura provar o subcapítulo “*A Outra*: para além da ousada ambiguidade jamesiana”.

No caso específico de *A Outra* não é só *A Volta no Parafuso*, de Henry James, que está em questão. Implicitamente, outras obras do escritor foram fundamentais para que Ana Teresa Pereira se aventurasse neste exercício de homenagear o escritor britânico, virando, similarmemente, ao contrário a história clássica e para sempre ambígua de James, autor

de alguns dos romances, contos e textos de crítica literária mais marcantes da Literatura Inglesa. A ambiguidade jamesiana, a que se refere Ana Teresa Pereira, e sobre a qual os próprios textos de Henry James teorizam e as suas obras ficcionais refletem, parece-nos ser o que realmente seduz a escritora portuguesa que deseja transpor, para as suas narrativas, essa mesma doutrina.

A Outra nasce, assim, da projeção da escritora madeirense numa história alheia e revela-se “um conto perfeito” no qual a narrativa jamesiana é virada do avesso, sendo narrada, similarmente, através de uma outra perspetiva e pontuada pela presença das marcas incontornáveis da escrita pereiriana.

Concluindo, o impulso irresistível de escrever *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* e *A Outra* revela, em nossa opinião, o culminar da obsessão pelos livros e pelos filmes dos criadores “mais amados”, elementos que contaminam, segundo a própria autora, a sua realidade e os seus sonhos, acabando por eivar, do mesmo modo, o mundo dos leitores.

Como escrevemos na conclusão da nossa tese, a qual desejamos tenha conseguido responder ao desafio que inicialmente expusemos, esta nossa leitura não esgota tudo o que a este mesmo respeito pode ser dito ou escrito. Trata-se de uma abordagem possível da obra, percorrendo aspetos que permitem classificar o sistema poético pereiriano como uma escrita obsessiva, sob o ponto de vista do que de mais espantoso a expressão pode ter. É, apenas e tão-somente, repito, o nosso entendimento pessoal, porque acreditamos, como Jorge Luis Borges, escritor tão caro a Ana Teresa Pereira, que existe “uma bárbara região cujos bibliotecários repudiam o vão e supersticioso costume de procurar sentido nos livros e o equiparam ao de procurá-lo nos sonhos ou nas linhas caóticas das mãos”.

A riqueza da obra desta escritora permite e merece que outros investigadores se debruce sobre ela, complementando os estudos até agora realizados e promovendo outros. Deste modo, atrevemo-nos a deixar aqui algumas sugestões para linhas de investigação futura:

1. Obra pereiriana, uma obra autobiográfica;
2. A questão do género literário;
3. A mulher na obra e a possibilidade de uma “escrita feminina”;
4. As categorias da narrativa espaço e tempo;
5. Espiritualidade/misticismo/religiosidade na obra;
6. Teoria da escrita e do escritor em Ana Teresa Pereira;
7. Fé, irreverência e naturalismo mágico na obra pereiriana;
8. Outras.

Em forma de epílogo, e terminamos como iniciámos, garante-se em *O Lago* (2011), que “dirigir uma peça ou um filme é procurar algo de tímido e interior, escondido nos bos-

ques do nosso ser” (11) e que, como aparece escrito em *A Última História*, “Um conto é como um sonho [...] talvez não exista para ser compreendido...” (25). Porém, perante a beleza de uma obra como a de Ana Teresa Pereira, seria imperdoável não nos aventurarmos no labirinto mágico dos seus textos, ainda que nos arrisquemos, como escreveu Rui Magalhães, a “descer da falsa luz da imagem até à escuridão absoluta”.

BIBLIOGRAFIA DE ANA TERESA PEREIRA

LIVROS PARA ADULTOS

- (1989) *Matar a Imagem*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção Caminho Policial, (170 pp.). ISBN 972-21-0432-2.
- (1990) *As Personagens*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção O Campo da Palavra, (174 pp.). ISBN: 972-21-0469-1.
- (1991) *A Última História*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção Caminho Policial, (188 pp.). ISBN: 972-21-0578-7.
- (1993) *A Cidade Fantasma*. Lisboa: Editorial Caminho, SA Coleção Caminho Policial, (172 pp.). ISBN: 972-21-0813-1.
- (1996a) *Num Lugar Solitário*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção Caminho Policial, (177 pp.). ISBN: 972-21-1061-6.
- (1996b) *Fairy Tales*. Black Son Editores, (53 pp.). Depósito Legal n.º 104 149/96.
- (1997a) *A Noite Mais Escura da Alma*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção O Campo da Palavra, (152 pp.). ISBN: 972-21-1135-3.
- (1997b) *A Coisa Que Eu Sou*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (162 pp.). Depósito Legal n.º: 118377/97.
- (1998a) *As Rosas Mortas*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (221 pp.). Depósito Legal n.º: 125326/98.
- (1998b) *A Noite Mais Escura da Alma*. Lisboa: Círculo de Leitores, (147 pp.).
- (1999) *O Rosto de Deus*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (178 pp.). Depósito Legal n.º: 139050/99.
- (2000a) *Se Eu Morrer Antes de Acordar*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (184 pp.). Depósito Legal n.º: 152716/00.
- (2000) *Até que a morte nos separe*. (Inédito).
- (2000b) *Até Que a Morte Nos Separe*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (100 pp.). Depósito Legal n.º: 158759/00.
- (2000c) *O Vale dos Malditos*. Black Son Editores, (75 pp.).
- (2001a) *A Dança dos Fantasmas*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (168 pp.). Depósito Legal n.º: 172270/01.
- (2001b) *A Linguagem dos Pássaros*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (104 pp.). Depósito Legal n.º: 171517/01.
- (2002a) *O Ponto de Vista dos Demónios*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (101 pp.). Depósito Legal n.º: 187546/02.
- (2002b) *Intimações de Morte*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (184 pp.). Depósito Legal n.º: 188335/02.
- (2003) *Contos de Ana Teresa Pereira*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (370 pp.). Depósito Legal n.º: 202326/2003.
- (2004) *Se Nos Encontrarmos de Novo*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (154 pp.). Depósito Legal n.º: 219139/04.
- (2005a) *O Mar de Gelo*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (127 pp.). Depósito Legal n.º: 234666/05.
- (2005b) *O Sentido da Neve*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (85 pp.). Depósito Legal n.º: 227445/05.

- (2006a) *Histórias Policiais*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, (250 pp.). Depósito Legal n.º: 243253/06.
- (2006b) *A Neve*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, (108 pp.). Depósito Legal n.º: 249475/06.
- (2007) *Quando Atraversares o Rio*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, (109 pp.). Depósito Legal n.º: 258573/07.
- (2008a) *O Fim de Lizzie*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, Lisboa: Relógio D'Água Editores, (137 pp.). ISBN: 978-989-641-024-7.
- (2008b) *O Verão Selvagem dos Teus Olhos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (129 pp.). Depósito Legal n.º: 23871/08.
- (2009a) *As Duas Casas*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (145 pp.). Depósito Legal n.º: 293111/09.
- (2009b) *O Fim de Lizzie e Outras Histórias*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (210 pp.). Depósito Legal n.º: 320441/09.
- (2010a) *Inverness*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (131 pp.). Depósito Legal n.º: 310/205/10.
- (2010b) *A Outra*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (68 pp.). Depósito Legal n.º: 316181/10.
- (2010c) *Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres*. Edição trilingue, Canárias: Horizontes Insulares, (61 pp.). ISBN: 978-84-7947-552-9 (obra completa). ISBN: 978-7947-561-1 (Vol. 9); Depósito Legal: TF 995-2010 (Vol. 9).
- (2011a) *A Pantera*. Lisboa: Relógio D'Água Editores (115 pp.) Depósito Legal n.º: 327271/11.
- (2011b) *O Lago*. Lisboa: Relógio D'Água Editores (144 pp.) ISBN: 978-989-641-266-1.
- (2012) *Si nos encontramos de nuevo*. Tradução de Sílvia Capón Sánchez, Espanha: Baile del Sol; ISBN: 978-84-15019-85-5.

LITERATURA JUVENIL

- (1991a) *A Casa dos Pássaros*. (78 p.).
- (1991b) *A Casa dos Penhascos*. (85 p.).
- (1991c) *A Casa das Sombras*. (75 p.).
- (1991d) *A Casa da Areia*. (83 p.).
- (1992e) *A Casa do Nevoeiro*. (85 p.).
- Lisboa: Editorial Caminho, Coleção Labirinto.

OUTROS TRABALHOS DA ESCRITORA – TRADUÇÃO

- MCCULLERS, Carson (2012). *Contos Escolhidos*. Seleção e tradução de Ana Teresa Pereira, Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- PEARCE, Philippa (s.d). *Tom e o Jardim da Meia-noite*. Tradução de Ana Teresa Pereira, Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Textos publicados no Jornal *Público*, suplemento *Mil Folhas*, coluna "A quatro mãos"
- (2000) "A Água e o fogo". 2 de dezembro: 5.
- "O Tempo dos Fantasma". 23 de dezembro: 12-13. Recensão sobre o romance de Iris Murdoch (2000), *O Tempo dos Anjos*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- "O Anjo Caído". 30 de dezembro: 8.
- (2001) "Mar de Sargaços". 27 de janeiro: 5.

- "Nostalgia". 24/02/2001: 5.
- "O menino e o boomerang". 24 de março: 5.
- "A dança nas Trevas". 21 de abril: 5.
- "Pequeno-almoço com diamantes". 19 de maio: 5.
- "O ponto de vista dos demónios". 16 de junho: 5.
- "O medo do escuro". 14 de julho: 5.
- "O amor". 1/09/2001: 5.
- "Os quasares". 29 de setembro: 5.
- "A dança dos fantasmas". 06 de outubro (pré-publicação): 8.
- "O silêncio". 03 de novembro: 5.
- "I desired dragons...". 1 de dezembro: 5.
- "Mil Raios e Coriscos!". 29 de dezembro: 5.
- (2002) "My Lady". 26 de janeiro: 5.
- "O tigre". 09 de fevereiro: 5.
- "Porque só eu vou morrer". 09 de março: 4.
- "O Primeiro Amor",. 07 de abril: 5.
- "O Sonho de Caliban". 04 de maio: 5.
- "Recorda-me ao morrer". 01 de junho: 5.
- "És a terra e és a morte". 29 de junho: 5.
- "As montanhas e os rios". 27 de julho: 5.
- "Outono". 28 de setembro: 5.
- "O castelo em ruínas". 26 de outubro: 5.
- "De que cor são os meus olhos?". 30 de novembro: 5.
- "Se nos encontrarmos de novo". 21 de dezembro: 5.
- (2003) "A Dança". 25 de janeiro: 5.
- "Você, você". 22 de fevereiro: 6.
- "O que viram os meus olhos". 22 de março: 5.
- "Just a Perfect Day". 19 de abril: 4.
- "Os fantasmas". 17 de maio: 5.
- "A regra do jogo". 14 de junho: 5.
- "A sombra do passado". 12 de julho: 8.
- "Titian Blue". 13 de setembro: 5.
- "O Sentido da Neve". 11 de outubro: 5.
- "Preces Atendidas". 01 de novembro: 5.
- "The Art of Fiction". 15 de novembro: 5.
- "Novembro em Paris". 03 de dezembro: 7.
- "Se nos Encontrarmos de Novo". 21 de dezembro: 5.
- (2004) "O desejo". 10 de janeiro 5.
- "A noite dá-me um nome". 31 de janeiro: 7. Recensão do livro de Henry James (2003), *A Volta no Parafuso*.
Tradução de Margarida Vale de Gato. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- "Nossa Senhora da Árvore Seca". 07 de fevereiro: 5.

"O Santuário dos Pensamentos". 06 de março: 5.

"Os homens, os animais e os anjos". 09 de março: 13. Recensão do livro de Mário Rui de Oliveira, *O Bairro Judaico*.

"Lilases". 10 de abril: 6 – última crónica de Ana Teresa Pereira na coluna *A Quatro Mãos*, do jornal *Público* que terminou a 24 de abril de 2004.

OUTROS TEXTOS PUBLICADOS

(1990) "Imagens". *Vértice*, n.º 29, Série II, agosto: 33-34.

(1992) "A sombra". *Vértice*, n.º 47, Série II, março-abril: 109-111.

(1995) "As Asas". *Vértice*, n.º 66, Série II, maio-junho: 76-78.

(1997) "As três irmãs". *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 705, outubro: 42.

(2005) "O mundo sem fim das tuas noites". *Telhados de Vidro*, Maio, n.º 4: 95-101.

"O que alguns chamam vida", *Público*. 04 de junho: 9.

"O monstro de olhos verdes", *Público*. 23 de julho: 8 – recensão do livro de Iris Murdoch (2005), *O Mar, o Mar*. Tradução de José Miguel Silva, Lisboa: Relógio D'Água Editores.

(2007) "O fim de Lizzie" I. *Expresso*, Revista *Actual*, n.º 1819, 08 de setembro: 18-20.

"O fim de Lizzie" II. *Expresso*, Revista *Actual*, n.º 1820, 15 de setembro: 16-19.

(2008) "A rua sem nome". *Telhados de Vidro*. maio, n.º 10: 71-75.

(2009) Prefácio do livro de John Franklin Bardin, *Que o Diabo Leve a Mosca Azul*. Lisboa: Relógio D'Água Editores: 7-10.

(2009) "O quarto vermelho". *Islenha*, julho/dezembro, n.º 45: 101-108.

(2010/2011) "Quando estávamos vivos". *Mealibra: revista de Cultura*, série 3, n.º 25, Viana do castelo: Centro Cultural do alto Minho, Outono/Inverno: 19-24.

(2011), "A escada para o sótão". Funchal: *Islenha*, n.º 48: 45-50.

PRESENÇA EM ANTOLOGIAS

MELO, João de (2002). *Antologia do conto português*. Lisboa.

SANTOS, Thierry Proença dos – org. (1997). *Narrativas contemporâneas da Madeira. Récits contemporains de Madère*. Funchal.

VERÍSSIMO, Nelson – org.

(1990). *Narrativa literária de autores da Madeira: século XX*. Funchal.

(2005). *Contos madeirenses*. Porto.